

Intensificação e ecologia

ARTIGO



□ **MÁRIO CELSO F. LACÔRTE,** agrônomo e sócio da Plano Consultoria Agropecuária, de Piracicaba, SP. (*)

Intensificação e conservação são técnicas que podem e devem andar juntas, contribuindo diretamente com a ecologia. Um bom exemplo é o das fazendas Malasca e Indiaporã, em Tocantins e Pará, que vêm intensificando suas pastagens e conservando de maneira exemplar suas áreas de reserva. Nas regiões onde se localizam, ainda é comum o uso da queimada, para formação ou recuperação de pastagens, algo não recomendável do ponto de vista técnico e econômico, por reduzir a fertilidade das áreas com a morte dos microrganismos existentes, responsáveis pela estruturação do solo e pela canalização das águas para os lençóis freáticos.

Com o passar do tempo, as queimadas anuais, pelos processos de lixiviação, provocam a perda dos nutrientes do solo e os tornam incapazes de manter até capins menos exigentes. Apesar de a utilização do fogo para "limpar" áreas ainda ser autorizada por órgãos ambientais, desde que realizada de maneira planejada e orientada, essa prática deverá ser eliminada o quanto antes,

devido também à grande quantidade de CO² liberada na atmosfera, que contribui indiscutivelmente para o agravamento do aquecimento global.

Além disso, é bem claro que o custo-benefício das queimadas é amplamente desfavorável, como pode ser facilmente exemplificado pelas produções comparadas entre alguns Estados. São Paulo e Paraná respondem por quase 50% da produção agrícola nacional e contribuem, em média, com menos de 2% do total de queimadas, enquanto o Mato Grosso, com quase 20% de todas as ocorrências do País, ostenta uma produção agrícola limitada, se cotada com os dois Estados citados.

Voltando ao exemplo das fazendas Malasca e Indiaporã, que totalizam cerca de 20.000 hectares, e têm sua produção intensificada há mais de dez anos, encontramos a seguinte situação. Primeiro, as pastagens foram reformadas ou recuperadas de acordo com a necessidade e passaram a utilizar o pastejo rotacionado e adubação. Com essas práticas, tem sido possível manter uma reserva de mata preservada, que supera as imposições legais e evita a abertura de novas áreas, praticamente eliminando o uso de queimadas, mesmo na recuperação de pastos degradados.

Uso intensivo do pasto não hostiliza meio ambiente e pode gerar alta produção

Nessas propriedades de grande porte, o processo de intensificação apresenta características especiais: os grupos de pastos são menores, devido ao maior tamanho dos piquetes e ao uso de aguadas naturais, que foram preservadas e apropriadas para o uso do rebanho, com proteção das cabeceiras e nascentes.

Com a intensificação do uso das pastagens pelo manejo rotacionado, aplicação de calcário e gesso, para correção do solo, e da adubação regular com NPK e micronutrientes, está sendo possível manter um elevado desempenho do rebanho a pasto, proporcionando uma grande competitividade às fazendas. Nas áreas adubadas, o principal diferencial está no ajuste fino da suplementação do rebanho, uma vez que, com a lotação elevada, se elimina o chamado pastejo seletivo. Assim, as dietas devem ser ajustadas, principalmente quanto a minerais e proteínas, equilibrando-se as necessidades diárias de acordo com cada categoria.

Os animais recebem, durante 12 meses, suplementação mineral-proteica, com consumos que variam de 200 a 900 gramas/cabeça/dia, de acordo com o peso do animal, época do ano e lotação da área no grupo de pastejo. A terminação do gado ocorre a pasto, em regime de semiconfinamento, obtendo-se produções da ordem de 5 a 6,5 arrobas/animal/ano, que, associadas a altas lotações, levam a aumentos significativos na rentabilidade do sistema, com reflexos diretos no aumento da produção de carne por hectare, sem queda no desempenho individual dos animais. ◀

(*) Colaborou Beatriz Dias Corrêa Xavier.